

O animal não tem razão (2ª Parte)

Alimentados por uma leitura limitada da filosofia de Aristóteles, muitos teólogos cristãos vêem a criação como algo determinado e as espécies vegetais e animais como seres fixos. As descobertas da ciência, de como a vida surgiu e se desenvolveu em nosso planeta, *colocam a emergência do homem entre os animais, em termos temporais e filogenéticos, cada vez mais precisos*. São quase quatro bilhões de anos de história da vida sobre a Terra. Foi uma lenta e recente evolução dos antropóides, ao longo dos últimos quatro milhões de anos, para chegar-se até o atual momento da hominização. Essas descobertas questionam as visões religiosas e filosóficas do homem e do cosmos, construídas em contexto histórico muito diverso do atual. Até pouco tempo acreditava-se num surgimento rápido e quase instantâneo da vida sobre a Terra e tinha-se como certa a imutabilidade dos seres vivos.

Ao contrário de certas visões criacionistas das religiões, a ciência demonstra a permanente evolução de todos os sistemas físicos e biológicos existentes no Universo, mas não somente no sentido da dialética heraclitiana do "panta rei", do tudo passa. Nada é fixo. A ciência derrubou sem cessar seus próprios paradigmas fixistas: a imutabilidade das espécies de Cuvier; a imobilidade da Terra no centro do universo criado por Ptolomeu; a concepção mecanicista de Descartes que considerava toda matéria como inerte e até a mecânica de Newton, que via o

mundo como um relógio perfeitamente ajustado. Nenhuma dessas visões resistiu ao progresso do pensamento científico, mesmo se a compreensão do mundo e do universo continua aproximativa e fragmentada. Hoje a Teoria da Relatividade de Einstein e a visão da física quântica implicam um espaço multidimensional muito diferente da idéia comum de espaço e de tempo. Amanhã, essas visões do mundo real serão mais uma vez corrigidas por novas descobertas.

Essas pesquisas, sobre como os sistemas vivos evoluem e se mantêm, atingem em cheio muitos dos postulados éticos, teológicos e até espirituais, aceitos durante séculos. O antropocentrismo e a antropologia das doutrinas judaica, cristã e islâmica apresentam sérias limitações para entender e dar significado aos novos conhecimentos científicos sobre a origem, a evolução e o destino da vida na Terra. Sete tópicos poderiam ser destacados para consideração da comunidade cristã:

1. O ser humano é o principal tema do Universo? Como **repensar nosso** lugar e o lugar dos animais no planeta em função da unidade original de todas as formas de vida? Essa unidade inicial deve gerar uma unidade de destinos?

2. Qual o **destino escatológico da criação**? A ciência, com as dimensões temporais reveladas nas relações evolutivas, ajuda a pensar o tempo na Eternidade numa nova perspectiva? Qual o destino escatológico dos golfinhos, dos chimpanzés e das outras formas de vida?

3. **Superar o antropocentrismo** é um passo a mais a ser dado no caminho do caos ao cosmos. Um cosmos que na sua totalidade possui talvez um coeficiente positivo superior ao da humanidade pois, na hierarquia dos seres, ele constitui a condição primeira. Como situar a história da salvação numa dimensão cosmológica coerente com as descobertas da ciência?

4. A natureza pode viver sem o homem e não o contrário. A luta é permanente para **superar o etnocentrismo**, enquanto o geocentrismo caiu por simples demonstração científica, já que até hoje ninguém viu a Terra girando em torno do Sol. Como **superar o antropocentrismo** sem cair num biocentrismo?

5. O **domínio da natureza** deve ser compreendido como um estágio avançado da consciência humana? A inteligência do homem pode regular sua relação com a natureza (interna e externa), de tal forma a **minimizar os aspectos destrutivos e autodestrutivos dos desejos humanos**?

6. Nós não devemos "salvar" os animais, mas temos o *dever* de deixá-los em paz, na medida do possível. Existe uma necessidade, pelo menos como idéia reguladora da razão prática, da **fé na imortalidade dos animais** para fundar uma ética que acorde a consideração devida aos outros seres, que são também

criaturas como nós?

7. Como traduzir, na prática pastoral, as **tensas dinâmicas das harmonias** resultantes de polaridades opostas como o desenvolvimento humano e a preservação ambiental, situadas entre tempo e eternidade, distantes de qualquer bio ou antropocentrismo?

Entenda alguns termos

Antropocentrismo: Atitude que considera o homem como o centro ou medida do Universo, sendo-lhe por isso destinada todas as coisas.

Biocentrismo: A vida como centro.

Cosmo: O Universo.

Cosmológica: Relativo à Ciência que trata da estrutura do Universo.

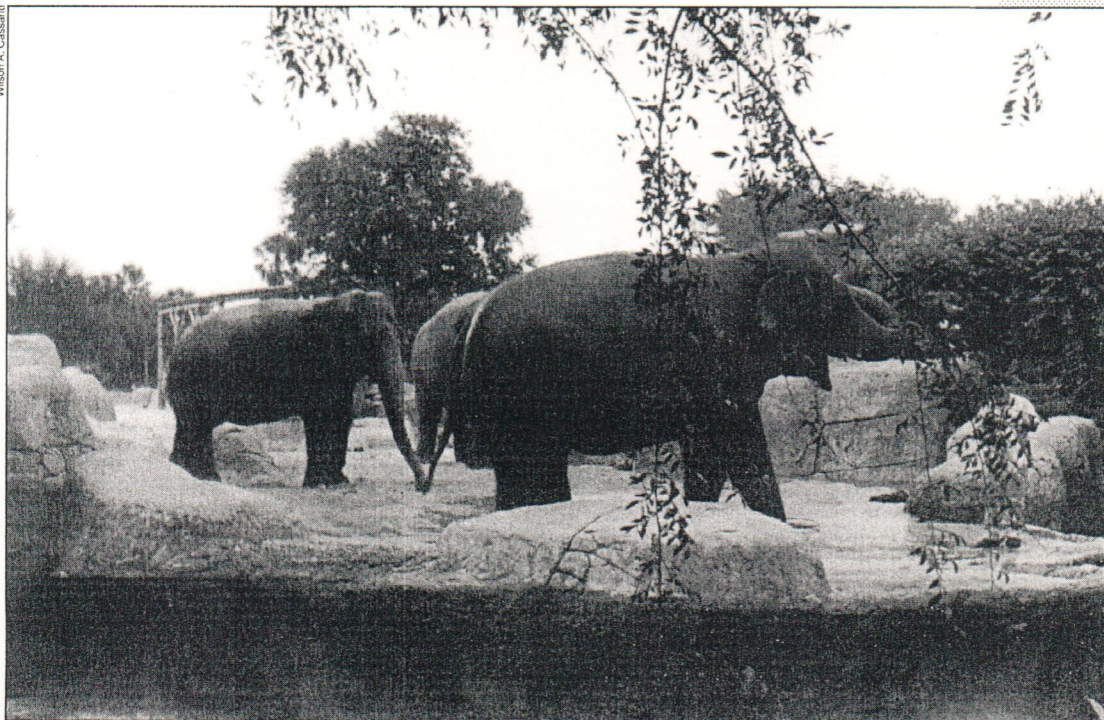
Escatológico: Referente à doutrina sobre a consumação do tempo e da história.

Etnocentrismo: Tendência para considerar a cultura de seu próprio povo como a medida de todas as demais.

Filogenético: Relativo à história da evolução das espécies.

Geocentrismo: Que tem a Terra como centro.

*Evaristo Eduardo de Miranda é
Doutor em ecologia e
pesquisador do Núcleo de
Monitoramento Ambiental
da Embrapa*



Wilson A. Cassante